

LEMBRAR OU ESQUECER? A IMIGRAÇÃO DO SEGUNDO PÓS-GUERRA E A HISTÓRIA ORAL

REMEMBER OR FORGET? IMMIGRATION IN II POST-WAR AND ORAL HISTORY

Rodrigo dos Santos¹

Resumo:

A imigração possui inúmeras variáveis relacionadas ao seu contexto. Nesse sentido, o Brasil teve vários períodos de recebimento de imigrantes. Entre eles, a imigração dos deslocados de guerra no meio do século XX. Esse texto discute aspectos da imigração do segundo pós-guerra e a história oral. Percebe-se a riqueza que a fonte oral traz para as pesquisas históricas, principalmente, o acesso a vestígios que não foram deixados pelas fontes impressas. No entanto, ela possui especificidades e alguns cuidados devem ser levados em consideração desde sua cocriação até análise.

Palavras-Chave: Deslocados de guerra; Imigração; Memória; Narrativas orais; Segunda Guerra.

Resumen:

La inmigración tiene numerosas variables relacionadas con su contexto. En este sentido, Brasil tuvo varios períodos de recepción de inmigrantes. Entre ellos, la inmigración de personas desplazadas por la guerra a mediados del siglo XX. Este texto analiza aspectos de la inmigración de posguerra y la historia oral. Se advierte la riqueza que aporta la fuente oral a la investigación histórica, especialmente el acceso a huellas que no dejaron las fuentes impresas. Sin embargo, tiene características específicas y se debe tener en cuenta cierto cuidado, desde su co-creación hasta el análisis.

¹ Professor na Secretaria da Educação e do Esporte (SEED/PR). E-mail: rodrigoguarapuava@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-4036-6755>

Palabras claves: Personas desplazadas de la guerra; Inmigración; Memoria; narrativas orales; Segunda guerra.

Abstract:

Immigration has numerous variables and is related to its context. Brazil has had several periods of immigration. Among them, immigration of war displaced persons in the middle of the 20th century. This text discusses aspects of immigration of displaced persons in the second post-war period and its potential with the use of oral history. It is perceived the wealth that the oral source brings to historical research, mainly, the access to traces that were not left by the printed sources. However, it has specificities and some care must be taken into account from its co-creation to analysis.

Key words: Displaced persons; Immigration; Memory; Oral narratives; Second war.

Introdução

A pesquisa discute a imigração, especialmente do segundo pós-guerra, e a história oral. Entende-se a imigração como um movimento populacional no espaço, onde as pessoas deslocam-se por diversos motivos e fixam residência. Como evidenciado por Sayad (1998), é um processo complexo que envolve dois movimentos, origem e destino, sendo necessário compreendê-los por meio de sua totalidade, a partir das motivações e desejos.

Nesse sentido, busca-se cumprir esse objetivo pensando e empregando a cultura na perspectiva de Certeau (2012), como um dos elementos centrais da análise, pensando-a em sua pluralidade e circularidade, não a definindo apenas nas artes ou no que ficou convencionalizado ser chamado de erudição. Ela é compreendida, discutindo-a também nos seus aspectos cotidianos, por pessoas comuns, principalmente entre práticas e representações.

Outro elemento para a imigração é a história oral, para isso enfatiza-se as discussões de Alberti (2014) e Portelli (1996; 1997; 2010; 2016), entendendo-a como uma fonte história que necessita de uma metodologia específica. Sendo relevante desmistificar as memórias, pois memória não é história, problematizando-as por Candau (2011) e Pollak (1989, 1992).

O artigo parte de discussões teóricas sobre a imigração do segundo pós-guerra e suas conexões com a história oral, e está dividido em três seções. Na primeira, aponta-se o objeto discutido, o tipo específico de imigração, e as suas particularidades com relação aos demais que adentraram em solo brasileiro. Na segunda, discute-se a história oral e a imigração, problematizando-as enquanto fonte história amparando-se em exemplos. Por fim, em um terceiro momento, ocupa-se das discussões sobre história oral e memória, debatendo como podemos a considerar nas construções de narrativas.

A imigração do segundo pós-guerra

Conforme Burke (2005) a história cultural é uma forma de construir narrativas que se preocupam com o simbólico e suas interpretações. A história é uma interpretação, entre tantas possíveis, pois ainda não é possível uma máquina do tempo para visualizar como o passado aconteceu, portanto, ele só é possível a partir de vestígios que foram preservados por sujeitos de um passado.

Com relação à imigração, ela é um fenômeno que acompanha a humanidade, no entanto, não há como pensar sem considerar os aspectos emigratórios, como aponta Sayad (1998), todo imigrante já foi um emigrante. É o mesmo sujeito dividido em sua origem e destino, são faces do mesmo processo. A imigração, que é a visão do migrante em seu local de destino, está intimamente relacionada a emigração, o migrante na sua origem.

Partindo dessa perspectiva, a imigração brasileira está atrelada a contextos específicos como o final do século XIX e início do XX, em que o Brasil recebeu imigrantes, especialmente europeus, instalados em colônias no sul do país, principalmente no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, e fazendas de café em São Paulo. Devido à propaganda internacional, eles vieram do continente europeu e asiático para o Brasil e fixaram residência (ALVIM, 1998).

Além do que, o país recebeu uma quantidade significativa de imigrantes no segundo pós-guerra (1945-1960). O Brasil, com o auxílio de instituições internacionais como a Organização Internacional de Refugiados (OIR), recebeu-os, principalmente, para o estado de São Paulo, fomentando a industrialização, e para o estado do Paraná no trabalho agrícola e corte de madeira, em serrarias. Apesar disso, como enfatiza Peres (1997), mais que auxiliar nessas práticas, os governantes brasileiros ainda esperavam que eles trouxessem “sangue novo”, pautando-se em um ideal de branqueamento. Por isso, a predileção por loiros de olhos azuis e a refutação daqueles do continente africano, além de que a sua seleção deveria ser pautada em critérios que perpassavam qualidades físicas, mentais, profissionais e raciais. Inicialmente, eles foram considerados deslocados de guerra (*displaced persons*), pois não queriam ou podiam retornar para os seus locais de origem com o fim do conflito.

Antes de adentrar nas discussões sobre imigração é necessário conhecer quem foram esses sujeitos e o porquê escolheram imigrar para outros países.

Shephard (2012) aponta que os deslocamentos populacionais em solo europeu começaram durante a Segunda Guerra Mundial, com ações da Alemanha nazista e da União Soviética de Stalin, que durante o conflito fizeram um pacto de não agressão, cujas práticas tinham como principal objetivo sustentar a máquina bélica,. No entanto, com o fim da guerra, milhares ficaram longe de sua origem. Alguns retornaram, outros temiam a emergência de governos totalitários ou a destruição material de seus países.

Diante disso, aproximadamente um milhão de poloneses e ucranianos ficaram em campos de acolhimento e depois de cessada a repatriação, optaram pelo reassentamento em países como Estados Unidos, Canadá, Argentina, Austrália e Brasil. Eles passavam por um controle rigoroso de comissões específicas de seleção de deslocados de guerra e transformaram-se em imigrantes (SHEPHARD, 2012). Isso promoveu uma transformação em várias partes do mundo, pois, como aponta Ramos e Lopes (2010), o imigrante ao adentrar em um novo país não traz apenas em sua bagagem artefatos (materiais), mas igualmente adentra com suas práticas culturais. O patrimônio, tanto material, como imaterial são problematizações para a história (FUNARI; PELEGRINI, 2009). A maioria dessas práticas culturais, principalmente do imaterial, não está impressa e podem ser acessíveis apenas pelas narrativas orais de seus proponentes.

O grupo de imigrantes do segundo pós-guerra que mais recebeu atenção da mídia brasileira, pela sua quantidade, foi o suábios do Danúbio. Inicialmente desejados por Goiás, como os de Itaberaí (MAGALINSKI, 1980), a trajetória desse grupo é marcada por migrações, dentro de migrações. Antes da primeira guerra eles viviam em províncias do Reino Alemão; com o fim desta guerra ficaram na Iugoslávia, e com o término do segundo conflito foram expulsos para a Áustria, ficando abrigados em campos de deslocados (SANTOS, 2015).

O seu processo imigratório também é demonstrado por Stein (2011, p. 51-52):

Ao final da guerra, a maioria dos integrantes do grupo foi conduzida por órgãos como Auxílio Suíço à Europa e a Organização das Nações Unidas para diferentes regiões da Europa e América. Uma parte dos refugiados, constituía por 500 famílias, em torno de 2.500 pessoas, identificadas na sua maioria como 'apátridas' foram, após contatos com autoridades, trazidas para o Brasil. No país, depois de receberem convites para se fixar nos

Estados de Goiás e Paraná, optaram pelo último, onde fundaram a Colônia Entre Rios, em 1951.

Com o auxílio de instituições internacionais, como a *Caritas Suíça*, os suábios imigraram em 1951 e se estabeleceram no Brasil, especificamente no distrito Entre Rios, Guarapuava, Paraná. Esse grupo foi objeto de vários estudos, inclusive pautados na história oral e nos estudos culturais, diferente dos demais imigrantes do período, os suábios vieram para suprir a carência de trigo na região, a partir de uma comissão que analisou o solo propício para o plantio, desapropriando algumas famílias.

Neste contexto, também imigraram outros grupos de deslocados de guerra para Guarapuava. O município, devido a sua extensão territorial foi o maior do país até as décadas de 1940 e ainda hoje é um dos maiores do Estado a acolher imigrantes. Dois anos antes dos suábios, em 1949, Guarapuava recebeu a família polonesa Egert do campo de acolhimento de Lübeck, no norte da Alemanha, para a localidade Rio das Pedras, no Distrito Góes Artigas, onde foi instalada uma serraria para o desenvolvimento de atividades na área rural (SANTOS; PELEGRINI; RODRIGUES, 2019; SANTOS, 2020).

Constata-se que a imigração dos deslocados de guerra ao Brasil está atrelada ao contexto de desterritorialização da guerra e do segundo pós-guerra, a destruição e a miséria, que assolaram as nações depois do conflito. Eles vieram direcionados ao Paraná, principalmente para desenvolver atividades nas áreas rurais dos municípios. Com isso, dois grupos deslocaram-se a Guarapuava, o primeiro em quantidade significativa e auxílio de organizações internacionais, os suábios do Danúbio. O segundo, composto por uma família, os Egert, que se instalou em uma serraria na área periférica do município.

A história oral e a imigração

Sayad (1998) afirma que a oralidade possui como principal aspecto o público. Enquanto os documentos impressos, como cartas ou diários íntimos, são direcionados exclusivamente para uma pessoa e podem demonstrar significados simbólicos, que apenas o interlocutor e o emissor querem revelar, sendo confessionais, as narrativas orais, confessam “tudo a todos”. O depoente sabe que

sua fala pode tomar dimensões mais abrangentes, até então não imagináveis, do que se escrevesse em uma carta. Ainda que fiquem na fronteira, como menciona Portelli (2016, p. 16), entre o público e o privado, “no qual a história invade as vidas privadas”, as narrativas orais são negociações e diplomacia do historiador permite torna-las públicas, nem que seja como “uma bomba jogada de um avião” ou “quando as vidas privadas são sugadas para dentro da história”.

A história oral, que se apropria dessas narrativas, é definida por Alberti (2014, p. 155) como:

uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história [...] surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do futuro.

Portelli (2016) igualmente apresenta um sentido para a história oral, segundo ele é o uso de fontes orais na História ou na área de Ciências Sociais, e entrevistas nas demais ciências. Essa expressão constitui uma ferramenta no rol dos historiadores e como qualquer outra precisa passar pelo seu crivo de pesquisador para verificar sua confiabilidade, usabilidade e viabilidade.

Apesar disso,

Ao contrário da maioria dos documentos históricos, as fontes orais não são encontradas, mas cocriadas pelo historiador. Elas não existiriam sob a forma em que existem sem a presença, o estímulo e o papel ativo do historiador na entrevista feita em campo. [...]. Nessa troca, perguntas e respostas não vão necessariamente em uma única direção. A agenda do historiador deve corresponder à agenda do narrador; mas o que o historiador quer saber pode não necessariamente coincidir com o que o narrador quer contar. Como consequência, toda a agenda da pesquisa pode ser radicalmente revista (PORTELLI, 2016, p. 10).

Na atualidade, o avanço dos meios tecnológicos, trouxe inúmeras facilidades para a análise de narrativas orais, como alguns arquivos *online* que disponibilizam vídeos ou transcrições de entrevistas. Isso garante certa agilidade para o trabalho do historiador que não necessariamente precisa criá-las. Entre eles, estão as transcrições de entrevistas disponibilizadas pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), e especificamente sobre imigração de diversos períodos, os arquivos do Museu de Imigração de São Paulo a partir da plataforma mídias de imigrantes de São Paulo, ou ainda, em arquivos físicos como do Museu da Imigração Ilha das Flores (MIIF).

As facilidades também trazem empecilhos, pois muitos arquivos disponibilizam apenas a transcrição das narrativas orais e deve-se tomar cuidado com elas, pois considerar somente o escrito é não analisar as marcas da linguagem e os gestos realizados pelo entrevistado. Como confirma Ansart (2004, p. 29): “O historiador tem, também, a obrigação de estudar as linguagens, os modos de comunicação e transformá-los em sintomas: as distâncias alimentadas pela incompreensão recíproca das línguas, pelas imagens depreciativas nos contos ou nas brincadeiras familiares [...]”. O corpo também apresenta sinais e significados, marcas dentro de uma linguagem não verbal que precisam ser analisadas, sobretudo pelo historiador.

Nesse sentido, a oralidade também é uma atribuição de significado:

A oralidade, então, não é apenas o veículo de informação, mas também um componente de significado. A forma dialógica e narrativa das fontes orais culmina na densidade e na complexidade da própria linguagem. A tonalidade e as ênfases do discurso oral carregam a história e a identidade dos falantes, e transmitem significados que vão bem além da intenção consciente destes.

Além do que, em outra produção, Portelli (1997) destaca que a transcrição é como uma tradução, sendo que mesmo a mais fiel possível pode possuir alguns aspectos de invenção e imaginação.

Cartas de emigrantes, por exemplo, têm a mesma origem e teor, mas foram escritas. Por outro lado, muitos projetos de história oral têm coletado entrevistas com membro de grupos sociais que usam a escrita, e dizem respeito a tópicos usualmente cobertos por material de arquivo de escrita padrão (PORTELLI, 1997, p. 27).

O pesquisador enfatiza que utilizar apenas a transcrição de uma entrevista é perceber o mesmo que uma carta que um emigrante deixou no seu local de origem para um parente próximo, a escrita, e não analisar as demais nuances que uma entrevista pode proporcionar, principalmente na ausência de documentação escrita.

Apesar de possuir uma função primordial, mesmo que na transcrição da entrevista se utilize sinais de pontuação, eles não condizem com as pausas e falas do sujeito: “A posição e o exato cumprimento da pausa têm uma importante função no entendimento do significado do discurso” (PORTELLI, 1997, p. 28). A análise apenas

da transcrição não é trabalhar com essa perspectiva de história oral, pois a problematização de uma narrativa com essa metodologia é colocar-se dentro dela, e demonstrar isso ao leitor.

Outro aspecto que Portelli (1997) menciona sobre as narrativas orais é a velocidade da narração, o destaque que o entrevistador deu mais a um determinado evento que outro. Ao se analisar os discursos de imigrantes do segundo pós-guerra, eles podem enfatizar aspectos mais traumáticos da guerra com rapidez; e a chegada ao Brasil, com menos velocidade, glorificando a narração, por representar a esperança do futuro longe de um conflito. Como afirma Stein (2011), havia com a imigração dos suábios do Danúbio um discurso de progresso, representado pela necessidade da produção de trigo e utilização de máquinas que esses sujeitos trariam.

Portelli (1996, p.4) afirma que, como a história oral, toda fonte é marcada pela subjetividade e isso não deve ser um empecilho, pois “[...] a subjetividade se revelará mais do que uma interferência, será a maior riqueza, a maior contribuição cognitiva que chega a nós das memórias e das fontes orais”. Em outra obra, Portelli apresenta essa ausência de objetividade da história oral do seguinte modo: “Fontes orais não são objetivas [...]. Mas a não-objetividade própria das fontes orais, jaz em características inerentes, as mais importantes sendo que elas são *artificiais, variáveis e parciais*” (PORTELLI, 1997, p.35). A história oral é uma construção, como outras, que possui também a presença tanto do entrevistador como do entrevistado, que é cocriada e representa apenas um vestígio do passado.

O pesquisador destaca que narrativas orais não são apenas individuais, mas são os vários segmentos que as produzem, especialmente os populares e o entrevistador, e que esse último possuiu uma participação ativa, pois o entrevistado tende naturalmente a pensar no que o proponente quer ouvir. Neste caso, pode ocorrer alguma distorção da narrativa, portanto, também é necessário: “o trabalho do historiador oral inclui uma checagem dos fatos que seja tão cuidadosa quanto possível, a fim de que possamos distinguir entre narrativas factualmente confiáveis, que são a maioria, e os casos significativos de mito e erro crivo” (PORTELLI, 2016, p. 19). A checagem pode ser realizada a partir de outros documentos com seus dados para serem confrontados.

A narrativa oral como construção, de acordo com Alberti (2014), é o resíduo de uma ação especialmente interativa, entre dois sujeitos, o que entrevista e o entrevistado. De alguma forma, tanto um como o outro já tem pré-disposições, têm elementos pré-determinados do outro. A entrevista deve ser tomada na sua análise como um resíduo, deixado por essa prática interativa, e não apenas como um relato de uma ação. Não é apenas uma narração de uma prática cultural, mas uma narração com criação, principalmente da memória a partir do presente. Nesse sentido, segundo Portelli (2016, p. 12) ela não é somente sobre um evento em si, diz respeito “ao lugar e ao significado do evento dentro da vida dos narradores”, sendo necessário não reconstruir apenas uma parte, mas todo o fato e a memória do presente.

Seguindo esse ponto de vista, a narrativa oral também deve ser compreendida como uma atribuição de significado do depoente, uma biografia carregada pelas suas experiências

Trata-se, pois, de uma fonte ajustada a um importante paradigma das sociedades ocidentais contemporâneas: a ideia do indivíduo como valor. O indivíduo único e singular, o ser psicológico, dá sentido a uma série de concepções e práticas em nosso mundo [...] (ALBERTI, 2014, p. 169).

O indivíduo ao narrar utiliza-se dos valores do presente, a partir das suas experiências, agregando sentido aos eventos, como uma escrita de si, uma autobiografia. Os imigrantes do segundo pós-guerra comentam sobre a guerra e todos seus infortúnios, mesmo com essa subjetividade, a objetividade da história não está na sua fonte, mas na sua metodologia de análise.

Portelli (1996) ao analisar a narrativa de Frederick Douglas sobre Hopkins, relacionada ao período escravocrata, aponta aspectos que podem ser refletidos nas análises culturais sobre imigrantes. Ele menciona que não é possível de modo verdadeiro afirmar que Hopkins açoitava os escravos sem prazer, mas se dispõe de uma narrativa, em forma de texto, que pode ser analisada de maneira mais precisa e fidedigna com procedimentos da linguística ou teoria da literatura. No entanto, a narrativa não deixa de ser subjetiva e representativa de um segmento. Para Portelli (1996) tanto textos como narrativas orais são marcadas por subjetividades, não sendo possível determinar sentimentos verdadeiros ou falsos, pois eles não são

mensuráveis; no entanto, alguns procedimentos podem ajudar a pensá-los levando a proposições.

As narrativas individuais além da subjetividade pessoal podem ser representativas de um grupo. Essa representatividade é expressa pela capacidade de abrir e delinear o tempo a partir das possibilidades de uma época, como o contexto imigratório do segundo pós-guerra pode oferecer narrativas para serem analisadas, como por exemplo, o que todos os imigrantes poloneses que vieram ao Brasil pensavam sobre ele, ou ainda, as expectativas que os suábios tinham sobre o país. Portelli (1996) evidencia que representatividade não é sinônimo de normalidade ou média, ela é uma forma de um narrador apontar para uma subjetividade mais ampla que abarca boa parte dos indivíduos do evento.

Na imigração do pós-guerra isso pode ser evidenciado a partir da narrativa de Katharina Hech, publicada em uma edição do jornal de Entre Rios, e analisada por Méri Frotscher, Marcos Stein e Beatriz Olinto (2014, p. 12).

Os eventos tratados nas edições são os mais extremos e brutais vivenciados direta ou indiretamente por Katharina. Morte, humilhação, medo, separação da família, fome, frio, incerteza sobre o futuro são alguns dos temas recorrentes.

[...] Boa parte dos eventos mais brutais e considerados relevantes foi relatada logo no início, pois parecia claro a Katharina que sua fala deveria constituir um testemunho sobre o sofrimento dos 'suábios do Danúbio'.

Os pesquisadores analisaram o discurso de Hech, a justificativa por sua escolha é que ela apresenta uma subjetividade mais ampla dos testemunhos de sofrimento do grupo suábios do Danúbio. Neste sentido, a fonte oral conta não apenas o que foi feito pelo narrador, mas o que ele gostaria de ter feito e o porquê ele fez; não apresentam dados objetivos pautados em números, porém é rica em elementos psicológicos, abrindo novas possibilidades de análise (PORTELLI, 1997).

Outra subjetividade é o ressentimento, pois como aponta Burke (2005), mesmo que pareça surpreendente a violência também tem um ideal de cultura, os impulsos humanos têm a ver com ela. Entende-se o ressentimento na perspectiva de Ansart (2004) como rancor, inveja, desejo de vingança e morte, sendo definido por três níveis de intensidade: o comum e que todos teríamos; o segundo, construído e ligado a uma situação de rivalidade; e o último, o delirante que pode

levar à morte. O trauma causado pela desterritorialização não apenas física, mas simbólica pode levar o imigrante a desenvolver esse último que o leva à morte. A narrativa de Kazimierz Egert, demonstrada por Santos (2020), é um exemplo de que ele possuía a segunda forma desse sentimento por seus irmãos, o que causou inúmeras dificuldades de relacionamento, durante sua vida.

Eles podem não serem contra uma pessoa ou várias, como o de Kazimierz Egert, mas relacionados ao próprio sujeito ou a um evento como o pós-guerra, que era considerado um período trágico, um entre lugar, uma espera até o reassentamento em vários países do globo. O século XX foi fecundo na tragicidade:

Mas poderíamos nos contentar com esta definição limitada, tendo em vista as situações históricas da segunda metade do século XX, repleta de conflitos e violências que tiveram, como uma de suas determinações, formas diversas de ressentimentos coletivos: guerras civis e internacionais, crimes coletivos, conflitos raciais e religiosos, extermínios de populações metodicamente organizados, genocídios? (ANSART, 2014, p. 18).

O complexo de libertação é um ressentimento desencadeado contra um evento, a Segunda Guerra. Shephard (2012) menciona que os imigrantes desenvolveram um sentimento de derrota que poderia causar agressividade e que não atingiu apenas aqueles que sobreviveram aos campos de concentração, mas todos, pela espera do fim do conflito, e pelas adversidades que sofreram com ele. No novo país, os imigrantes também não tinham motivos para comemorar a partida, mesmo que a escolha tenha sido deles, de alguma forma, era uma fuga da destruição e da miséria se ficassem em solo europeu, por isso, era necessário adentrar, por necessidade, ao desconhecido que poderia causar repulsa.

Outros elementos são apontados por Portelli (2010) sobre as narrativas orais como uma entrevista multivocal que teve como protagonistas o pastor Hugh Cowans e sua esposa Julia em Lexington, Kentucky em outubro de 1983. O pesquisador destaca que eles eram excelentes narradores e que contavam sobre uma região mineradora desde os anos de 1930. O primeiro ponto que chama a atenção refere-se aos homens, que geralmente falam sobre seu desempenho público, enquanto que as mulheres se detêm com maior afinco à questão privada, às nuances cotidianas que são articuladas com as questões públicas. Como

corroborar Certeau (2012), não há como não considerar essas práticas culturais, tanto públicas como privadas, mas especialmente as segundas, realizadas pelas mulheres, em espaços cotidianos relacionadas a moradias, vestimentas, formas de cozinhar, contatos interpessoais; elementos extremamente relevantes para os processos migratórios.

O segundo elemento dos personagens de Portelli (2010) é a barreira simbólica, que não permite os imigrantes narrarem eventos relacionados à sua vida para pessoas que ainda consideram estranhos, apesar de vários contatos. Em determinado momento da entrevista ele percebe que a Julia Cowans muda repentinamente o seu discurso, pela observação de uma marca diferente em sua fala, a mudança de um inglês padrão para um inglês afroamericano, além do que menciona o racismo que sofreu e seus parentes também padeceram, mesmo que tente dissociar o pesquisador dos acontecimentos, a barreira existe e a impede de pronunciar tudo que queria.

Depois do episódio, o pesquisador apresenta alguns questionamentos que levaram a repensar a sua prática metodológica: “Por que ela deveria confiar em mim? Só porque eu me comportava educadamente e demonstrava solidariedade?” (PORTELLI, 2010, p. 33). Ele constata que existe uma linha, uma barreira que se coloca em algumas entrevistas, na sua preparação ou análise dos resultados, e cabe ao pesquisador através do diálogo renegociar esses limites. Como se pode pensar as barreiras a partir dos imigrantes do pós-guerra? A resposta se concentra também no racismo, questões étnicas, traumas, linguagem e convivência de espaços diferentes. Aspectos difíceis de serem renegociados e causadores de silêncios e silenciamentos.

Méri Frotscher (2011) apresenta uma alternativa de como amenizou essa barreira ao entrevistar imigrantes alemães que vieram à São Paulo. Ela propôs que pudessem escolher como gostariam que suas entrevistas fossem realizadas: em alemão ou português, a língua que se sentissem mais à vontade:

A possibilidade de usar a língua alemã permitiu também a alguns entrevistados o emprego de expressões contemporâneas aos fatos vividos na Alemanha, sem a necessidade de tradução e maiores explicações à interlocutora. O problema maior reside, entretanto, na publicação desses relatos orais numa língua que não é a utilizada nas entrevistas, pois é

necessário traduzir e informar ao leitor os sentidos expressos na outra língua (FROTSCHER, 2011, p. 99).

A linguagem é extremamente relevante quando se produz uma análise sobre imigrantes, a partir da história oral, pois ela é um caminho para a fluência da entrevista. No caso específico, analisado pela autora, foi necessário que soubesse o idioma alemão para minimizar a barreira. No entanto, essa prática criou uma nova barreira, a tradução e problematização desses dados, precisando também conhecer expressões idiomáticas da língua (gírias), extremamente difícil se não fosse fluente no idioma ou conhecesse as práticas culturais alemãs.

A história oral dos ou para os imigrantes do segundo pós-guerra também se refere aos assuntos inesperados, Portelli (2016, p. 11) menciona que:

Assim, o tema inesperado do assédio apareceu em minha pesquisa e mais tarde eu pude encontrar confirmação em outras entrevistas. Ninguém havia falado sobre aquilo antes; as próprias viúvas quase não o tinham discutido entre elas mesmas. Era algo privado demais para ser discutido em público e, mais importante, até muito recentemente nem os historiadores nem as próprias mulheres estavam cientes de que isso também era história.

As mulheres acreditavam que suas práticas culturais cotidianas não eram relevantes, apenas o evento sobre a morte dos seus esposos pelas forças nazistas nas Fossas Adreatinas. Todavia, o pesquisador afirma, que isso depois de mencionado por elas se desdobrou em um estudo fecundo e possuiu um significado ímpar, principalmente, para os campos do conhecimento histórico que se dedicam a história das mulheres.

Entre as adversidades da pesquisa, de história oral com imigrantes, se encontra os aspectos da legislação. Mainardes (2016) aponta que muitos elementos sobre ética na pesquisa com seres humanos ainda persistem e são de difícil solução. Entre os desafios, e isso pode ser aplicado às pesquisas com a oralidade, estão: a discussão de quem deveria avaliar esses projetos nos comitês de ética, profissionais da área de saúde ou não; deveria haver uma tramitação por nível de risco; e representantes da área de educação nos comitês de ética em pesquisa. Mesmo que esse procedimento seja relevante, pois se está trabalhando com humanos e todo o cuidado é pouco, antevendo questões futuras. O sistema de recebimento de projetos da Plataforma Brasil possui problemas de conexões e isso

se alia a pouca agilidade dos avaliadores, devido à ausência de profissionais e de muitas demandas.

Neste aspecto também deve ser incluído o compromisso social que o pesquisador deve ter na devolutiva dessas narrativas orais para o entrevistado ou a comunidade. Portelli (2016, 21) denuncia que são raros os historiadores que se preocupam com isso, mas que é necessário levar em consideração que o ser humano precisa de um retorno, o *feedback*.

O que há de mais importante sobre a natureza dialógica do trabalho de história oral é que ele não termina com a entrevista, ou mesmo com a publicação: ele precisa encontrar maneiras de ser útil aos indivíduos e às comunidades envolvidas. Este é o processo conhecido pelos rótulos genéricos de 'restituição' e 'disseminação'.

O retorno deve ocorrer com a entrega, por parte do entrevistador, de uma fita gravada com a entrevista, DVD (CD-ROM) ou formato digital para que o narrador tenha acesso. É mais fácil à devolutiva quando envolve comunidades no formato de documentário ou arquivado em bibliotecas comunitárias, especialmente de escolas. A contribuição do pesquisador deve ser nesta articulação entre a própria comunidade, ele e o conhecimento.

Em síntese, para realizar uma pesquisa com história oral, que se dedique a analisar a imigração do segundo pós-guerra, é necessário considerar que as narrativas são públicas, mesmo que adentrem ao privado, foram criadas com a finalidade de propagar vários sentidos em inúmeros espaços. Igualmente é relevante pensar nas marcas de linguagem, gestões e sentidos que o narrador forneceu, que estão além de uma mera transcrição. Além disso, questionando que a narrativa oral é marcada por subjetividades que em nada atrapalham a função do historiador e pesquisador, é uma fala do sujeito, considerando sua biografia. Por outro lado, entre os empecilhos, estão aspectos da legislação e a barreira, a dificuldade de se confessar, e contar tudo que o entrevistador precisa sobre a temática.

As narrativas orais e a memória

À vista disso, quando se trabalha com história oral se mobiliza a memória. Alberti (2014) menciona que o pesquisador não constrói memórias, ele as analisa para a escrita da história. Conforme Candau (2011) elas podem ser definidas como uma domesticação do passado, um ordenamento construído de forma arbitrária que nunca é uma reprodução exata do acontecimento, mas uma construção que exige um complexo desenvolvimento das funções psicológicas do ser humano.

Portelli (2016, p. 45) ainda acrescenta que elas são involuntárias e funcionam independentes de nossos comandos e desejos, ou seja, “[...] a memória é como a respiração: podemos respirar bem ou mal, podemos respirar um ar bom ou ruim, mas não podemos parar de respirar por muito tempo”. Nesse sentido, não há como classificá-las como boas, nem más, até porque os seres humanos não podem ser encaixados em mocinhos ou vilões, apenas são lembranças do vivido, modificado pelo presente.

Pollak (1992) menciona que as memórias, mesmo que pareçam individuais são constituídas coletivamente, com acontecimentos vividos pessoalmente ou por tabela. Como exemplo, na imigração do segundo pós-guerra, pode-se citar a expulsão dos suábios do Danúbio da Iugoslávia. Nem todos os sujeitos que vieram ao Brasil estiveram neste contexto, alguns já estavam no campo de deslocado da Áustria, mas como o episódio ficou marcante para o grupo, muitos a incorporaram por tabela e a reproduziram.

Todavia, Candau (2011) explica que, mesmo que exista o compartilhamento coletivo dessas memórias entre os membros de um grupo cultural, a sua disposição quando narrados deverá levar em conta as evocações individuais dessas lembranças, que são diferentes, pois cada um as significam de uma forma. Sendo assim, é preciso pensar que o cérebro do indivíduo ao narrar também realiza um grande número de combinações sequenciais que difere de seu colega. Portanto, há uma multiplicidade de formas de disposição do evento e como ocorreram suas interações. Burke (2005, p. 101) compactua com isso, afirmando que os pesquisadores estão “cada vez mais conscientes de que pessoas diferentes podem ver o ‘mesmo’ evento ou estrutura a partir de perspectivas muito diversas”.

Para que isso se realize, Pollak (1992) aponta que a memória se constituiu de três elementos: acontecimento, lugares e personagens. Esses últimos, não

necessariamente viveram no mesmo espaço-tempo que o entrevistado, mas de alguma forma são apresentados, nem que seja de forma hipotética. Observa-se um exemplo a partir da narrativa da imigrante Ruth Vogt analisada por Frotscher (2011, p. 101):

E então eles já bateram à nossa porta, sabe, era um soldado americano, um negrinho, ele era negro: 'Você tem documentos?' [incompreensível]. E então eu logo me apresentei como sul-americana [incompreensível], né? E eu por sorte tinha um documento de identificação bem pequeno - eu já tinha, eu já era alemã - da vacina aqui de [nome da cidade], antes de eu partir - e ali estava a bandeira brasileira em cima, e ele caiu nessa!

Na narrativa, o acontecimento é o encontro com os aliados no imediato pós-guerra, que consta como personagens além da própria narradora um soldado estadunidense. O lugar que não é cronológico está ligado à lembrança, é onde se desenrola a cena, a sua casa, a qual foi batida à porta. Apesar da concretude, o acontecimento pode ser demarcado pela lembrança da depoente no que a marcou mais.

Segundo Pollak (1989; 1992) a memória, enquanto construção, é seletiva, mesmo que seja herdada não registra tudo, apenas o que o indivíduo quer lembrar, estruturadas a partir do tempo presente, do que o momento demanda e é chamado por ele. E com isso, há um enquadramento da memória, um consenso sobre determinados períodos históricos e eventos por sujeitos diferentes que têm como objetivo reforçar sentimentos de pertencimentos, uns eventos mais presentes que outros, e que podem em alguns momentos se sobrepor.

Além do enquadramento da memória, Pollak (1992, p. 207) afirma que há um rearranjo dela para atender eventos considerados conflituosos: "cada vez que uma memória está relativamente constituída, ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência e unidade de continuidade, da organização". Portanto, ela é dinâmica. Ao ser desenvolvida como patrimônio para os descendentes dos imigrantes, segue modificações, adições e manutenções, em alguns casos, uma nova criação; e se reorganiza a partir das novas experiências.

Candau (2011) corrobora com isso, afirmando que a memória molda e é modelada por um movimento natural de sua transformação. No entanto, o pesquisador acrescenta que ela acompanha as identidades das pessoas e conforme

ocorra uma mudança em uma forma de identificação, igualmente é alterada, pois constrói formas de ser no mundo. Um exemplo é retratado por Shephard (2012), quando os futuros imigrantes ainda estavam em solo europeu para acessar os campos de acolhimento. Eles se auto identificavam de diversas formas, fixando sua identidade onde era mais conveniente, em algumas situações eles jogavam documentos fora, ou ainda, inventavam que estudavam ou moraram em locais distintos da sua origem, sendo uma forma de sobrevivência.

Pollak (1992) menciona que há estilos de narração, que marcas pronominais como eu, você, tu e nós, igualmente demonstram a esfera narrada pelo entrevistador. A partir disso, se consegue visualizar o grau de distanciamento do indivíduo do evento. Retomando a narrativa de Ruth Vogt (apud FROTSCHER, 2011), ela demonstra não apenas a proximidade do evento com o pronome pessoal “eu”, mas assume a responsabilidade pela narrativa com o “eu logo”, “eu por sorte”, “eu já era alemã”, “eu antes de partir”; conforme menciona Frotscher (2011), mesmo acompanhada pelo filho recém-nascido, a responsabilidade não é dividida no evento com o pronome “nós”.

Essas mesmas marcas são apresentadas por Portelli (2010) quando analisa a narrativa de Hugh Cowans. Ele menciona que o entrevistado narra seu discurso em três modalidades que são definidas pelo pesquisador como institucional, comunitário e pessoal. Na mesma entrevista, a narração pode ser feita em terceira pessoa (institucional), primeira pessoa do plural (comunitária) e primeira do singular (pessoal). Essas modalidades não são separáveis, nitidamente ou explicitamente, e o melhor narrador é aquele que consegue relacionar as estruturas.

Pollak (1989) apresenta que há um processo de negociação entre as memórias, uma conciliação entre as coletivas e individuais. O autor utiliza o conceito de memórias subterrâneas, e afirma que por algum motivo essas se opõem a memória oficial e buscam seus espaços em momentos específicos. Essas memórias subterrâneas estavam na margem e por causa de alguma situação, retornam ou são encontradas, sendo necessário o pesquisador buscar o momento em que elas emergem como um dos critérios de análise.

Portelli (2016, p. 53) autentica isso ao afirmar que “as memórias relegadas ao sótão do esquecimento emergem novamente como fantasmas monstruosos”, sendo necessário criar um lugar para um morto no presente. Na imigração do segundo pós-guerra isso é evidenciado quando ocorrem eventos semelhantes no presente ou em locais distintos:

O movimento de trazer à tona esse passado traumático, em nível local, ocorria também num período em que, desde o início dos anos 1990, milhares de mortes, fugas em massa e expulsões voltavam a acontecer na antiga Iugoslávia, por conta das guerras de “limpeza étnica” da Bósnia e da Croácia, territórios de onde veio boa parte dos suábios que se dirigiram para Entre Rios (FROTSCHER; STEIN; OLINTO, 2014, p. 11).

Os autores mencionam que os suábios do Danúbio voltaram a publicar memórias traumáticas em seu periódico depois que alguns movimentos foram desencadeados na sua terra de origem, demonstrando uma conexão não apenas entre presente e passado, mas com dois locais distintos.

Há ainda, as memórias clandestinas, as proibidas, problemáticas ou não autorizadas, que são silenciadas por motivos diversos (POLLAK, 1989; PORTELLI, 2016). Entre eles, pode-se destacar vergonha coletiva, revanchismos ou medo da denúncia.

Pollak (1989, p. 12) apresenta um exemplo desse tipo de memória do contexto dos deslocados do segundo pós-guerra:

Uma pesquisa oral feita na Alemanha junto aos sobreviventes homossexuais dos campos comprova tragicamente o silêncio coletivo daqueles que, depois da guerra, muitas vezes temeram, que a revelação das razões de seu internamento pudesse provocar denúncia, perda de emprego ou revogação de um contrato de locação.

São memórias que estão entre o dizível e o indizível. Entre os não-ditos (silêncios), o que se quer esquecer, mas se lembra constantemente. Para Ansart (2014, p. 31) “por mais diversos e contraditórios que tenham sido os sofrimentos de cada um, pode-se afirmar que o indivíduo não esquece os fatos dos quais foi ator ou vítima”. Ele apenas tende a evitá-los, por representar uma memória traumática. Segundo Candau (2011) e Portelli (2016), nem tudo que é memorizável deve ser memorável, algumas questões ou pessoas não devem ser lembradas, esquecer é

parte necessária da memória para sobreviver. É impossível ou desejável lembrar de tudo.

Considerações finais

A história oral é extremamente rica para desenvolver análises na construção do conhecimento histórico em narrativas sobre imigrantes do segundo pós-guerra, pois a partir dela se pode discutir o que as fontes impressas não apresentam. No entanto, alguns cuidados são imprescindíveis como a percepção que toda fonte histórica é uma construção, entre tantas possíveis, e deve ser problematizada como tal. É necessário pensá-las como fontes e não como uma transcrição do documento.

Nesse sentido, outros elementos foram suscitados para responder a história oral enquanto uma metodologia empregada na história e em outras ciências, principalmente nos estudos sobre imigrantes do segundo pós-guerra. Entre eles, a memória, patrimônio, identidade e (res)sentimento, sendo que não há como discutir a oralidade sem se preocupar com eles. Além disso, é relevante mencionar, para trazer um sentido final à essa produção textual, que uma lembrança (memória) não é história, mas pode ser trabalhada e utilizada, se confrontada, com outras fontes na construção de produções históricas.

Os cuidados apontados por Alberti (2014), Candau (2011), Pollak (1989, 1992) e Portelli (1996; 1997; 2010; 2016) devem ser considerados, principalmente quanto se discute a memória em três aspectos: seletividade, individualidade e subjetividade. A seletividade, pois é uma escolha que o depoente faz entre o que quer dizer e o não (lembrar e esquecer); individualidade, mesmo que o evento seja coletivo cada narrador irá contá-lo de uma forma; e subjetividade por retratar uma mudança conforme sua identificação do presente. Apesar disso, não é um empecilho para a história, pois todas as fontes são subjetivas e precisam da problematização do historiador.

Referências

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKI, Carla Bassanezi (org). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2014, p. 155-202.

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (orgs). Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Editora da Unicamp, 2004, p. 15-36.

ALVIM, Zuleika. Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo. In: SEVCENKO, Nicolau (org). História da vida privada no Brasil -3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 215-288.

BURKE, Peter. O que é História Cultural? Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CANDAU, Joel. Memória e identidade. São Paulo: Contexto, 2011.

CERTEAU, Michel de. A cultura no plural. Campinas: Papyrus, 2012.

FROTSCHER, Méri; STEIN, Marcos N.; OLINTO, Beatriz A. Memória, ressentimento e politização do trauma: narrativas da II Guerra Mundial (Suábios do Danúbio de Entre Rios, Guarapuava - PR), Tempo, v. 20, n. 1, p. 1-26, 2014.

FROTSCHER, Méri. Língua, memória e identidade. Considerações metodológicas sobre histórias de vida de migrantes bilíngues. História Oral, v. 14, n. 1, p. 97-122, jan-jun. 2011.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. Patrimônio histórico e cultural. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

MAINARDES, Jefferson. A ética na pesquisa em educação: desafios atuais. CARVALHO, Maria Villane Cosme de et al (orgs). Caminhos da pós-graduação em educação no nordeste do Brasil: avaliação, financiamento, redes e produção científica. Teresina: EDUPI, 2016, p. 73-82.

MAGALINSKI, Jan. Deslocados de guerra em Goiás: imigrantes poloneses em Itaberaí. Goiânia: Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1980.

PERES, Elena Pájaro. "Proverbial Hospitalidade"? A Revista de Imigração e Colonização e o discurso oficial sobre o imigrante (1945-1955). Acervo, v. 10, n. 2, p. 55-70, jul./dez 1997.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. Tempo, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 56-72, 1996.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Projeto História, São Paulo, v. 14, n.1, p. 25-39, jan-jul. 1997.

PORTELLI, Alessandro. Ensaio de história oral. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PORTELLI, Alessandro. História oral como arte da escuta. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

RAMOS, Eloisa Helena Capovilla; LOPES, Máine Barbosa. Lugares de memória da imigração na América Latina: as hospedarias dos imigrantes de São Paulo e Buenos Aires. Maracanan, Rio de Janeiro, nº 6, p. 171-182, jan-dez. 2010.

SANTOS, Rodrigo dos. Discursos sobre imigração no jornal Folha do Oeste – Guarapuava, Paraná (1946-1960). (Mestrado em História). Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), 2015.

SANTOS, Rodrigo dos; PELEGRINI, Sandra C. A.; RODRIGUES, João Paulo P. Retratos de imigrantes: a família Egert no Brasil. In: PELEGRINI, Sandra C. A.; RODRIGUES, João Paulo P. (orgs). As artes da história: memórias, fontes e métodos. Maringá: Edições Diálogos, 2019, p. 123-133.

SANTOS, Rodrigo dos. Em busca de um lar: práticas culturais e representações da família Egert na região de Guarapuava-PR (1949-2016). (Doutorado em História). Universidade Estadual de Maringá, 2020.

SAYAD, Abdelmalek. A imigração ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SHEPHARD, Ben. A longa estrada para casa: restabelecendo o cotidiano na Europa devastada pela guerra. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

STEIN, Marcos Nestor. O oitavo dia: produção de Sentidos Identitários na Colônia Entre Rios - PR (segunda metade do século XX). Guarapuava: UNICENTRO, 2011.